

A GRINALDA.

PERIÓDICO LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO.

DOMINGO
26 DE FEVEREIRO

1871.

Anno II. N. 3.

PROPRIEDADE DE GUIMARAES, PINTO & C.
OPERARIOS DO ECO DO SUL

Redacção de diversos.

PUBLICA-SE
SEMANALMENTE

ASSIGNATURA 25300

POR TRIMESTRE

AMOR COM AMOR SE PAGA

ROMANCE

DEDICADO A EXMA. SRA. D. F. A. W.

Um almoço de rapazes.

Em uma manhã de Novembro, achavam-se reunidos, em um bello quarto d'um palacete da Calçada da Estrella, quatro mancebos da grande roda, ou antes da pura aristocracia. Tres destes mancebos eram convidados pelo quarto, que era o dono da casa, para um almoço de rapazes.

Edgar de Mendonça, filho de uma das casas mais nobres de Portugal, tinha perdido seus pais ainda creança. Senhor aos 2 annos de uma fortuna immensa, tirava d'ella o maior numero de prazeres que podia; mas apezar de todas as suas extroinices, Edgar de Mendonça era dotado de um character franco e leal; tinha um defeito contudo se se pôde chamar defeito á uma cousa tão vulgar no nosso seculo — era *sceptico*. Não acreditava em paixões; e sempre que fazia alguma nova conquista eram seus sentidos que experimentavam algumas agradaveis sensações, mas o seu coração, dizia elle, ou estava morto ou a dormir. Trajava um bello chambre de cachemire, apertado em volta da cinta por um cordão de seda com duas immensas borlas; estava sentado em uma volteriana, saboreando um bello charuto puro *Havana*.

Os outros tres mancebos eram Gustavo Adolfo, joven bacharel; Eduardo Garcia e Ernesto Corrêa: o primeiro escriptor dramatico e o segundo... em quanto ao segundo seria bem difficil dizer o que era: sabia-se que sua linhagem era nobre, que trajava com elegancia; e isto era bastante para ser admittido nas grandes rodas; deve-se contudo dizer que Ernesto Corrêa tinha qualidades preciosas: ninguém sabia como elle tornar alegre a qualquer ente ataçado do mais terrivel *espleen*.

Estayam todos sentados em torno de Edgar de Mendonça.

— Sabem, meus senhores, que a primeira ballarina de S. Carlos é um bom petisco? Tem um bonito frontespicio.

— Edgar, Edgar; deixa-te de mulhere de theatro; olha que nunca dão bom pago.

— Mas então que queres tu que eu faça?

Queres que morra de aborrecimento, aqui em Lisboa?

— Não quero, não; mas quero livrar-te de alguns maus bocados! vejo que te vaes deixando prender muito nos laços de tal silfide.

— Ora vejam que desgraça — disse Edgar — que desgraça tamanha!... tu não sabes, Edmundo, que o que procuro são commoções que venham fazer-me acreditar que ainda vivo.

— Edgar, disse Gustavo: queres gozar de uma ventura pura? experimentar sensações novas? queres, meu amigo? caza-te; caza-te depressa.

— Com a silfide? — perguntou Ernesto Corrêa.

— Não caias n'essa, meu amigo, accrescentou Edmundo Garcia; não te cazes; mas se por desgraça fór tua signa cazar, Edgar, segue o meu conselho; escolhe uma mulher que não tenha parentes!...

— Ora essa! disseram todos: hasde-nos dar a razão do teu dito, Edmundo!

— Com muito gosto, meus senhores: tenho feito um profundo estudo sobre o matrimonio...

— Bravo, bravo!...

— Tenho calculado que aquelles casamentos chamados de paixão, não são os mais felizes. Tenho calculado que quanto melhor fór a familia da noiva, mais dados tem o casal de rollinhos para viver em harmonia. E sobre tudo, meu amigo, foge que tua mulher tenha irmãos; foge de cunhados: os cunhados, Edgar, são o flagello dos casados: os cunhados são n'este seculo das luzes, um grande archote de dissensões!... Nada de cunhados: se eu estivesse para casar, iria ao recolhimento das raparigas abandonadas, e escolhia lá a minha noiva: ao menos tinha a certeza de ter de aturar só o mau genio d'ella, dado o caso de que o tivesse. fóra com os cunhados!

— Apoiado, apoiado, disse Ernesto: conheci um amigo que tinha duas cunhadas que foram constantemente o seu cabrion.

— Obrigado pelos conselhos, meus amigos: não estou resolvido por ora a cazar-me: vou gosando desta monotonia, e frequentando a bella Hefmancia, primeira artista de piruetas no theatro de S. Carlos.

Neste momento um criado abriu de par em par as portadas do quarto e annunciou que o almoço estava servido.

— Vamos; continuou Edgar; já a moza

Ha dias estando eu em casa do Coimbra, aquelle habilidoso discipulo de Figaro, preparando o meu grisalho bigode e *cavaignac*, entraram ao mesmo tempo tres individuos e todos offeraceram a sorte grande da loteria ultimamente corrida na corte.

O Coimbra admirado de tal facto, atira enraivecido a navalha sobre a mesa, e exclama: — E querem que no Brazil não se escarneça da lei, com tanto escandalo ! ? !...

São cousas.

Lá se foi a musica do 6º para Bagé, deixando muitas recordações saudosas n'esta cidade. Estamos privados de gozar algumas agradaveis horas de passeio na praça Municipal, ao domingo devido sómente ao capricho de certos mandões.

A população desta terra é boa e dotada de muita paciencia, e por isso soffre sem soltar sequer uma queixa.

São oito horas, e o compositor pede-me a conclusão da semana e eu tenho de preparar-me para ir ao baile da Instrução e Recreio, do qual darei ás minhas leitoras uma breve resenha.

Até lá.

O FILHO DO MANUEL DAS GLOZAS.

UM POUCO DE TUDO

Qual será preferivel ?

A proposito de mulheres :

A franceza caza-se por calculo, a ingleza por costume, e a allemã por amor.

A franceza ama durante a lua de mel, a ingleza toda a vida, e a allemã ainda além da morte.

A franceza leva sua filha ao baile, a ingleza a igreja, e a allemã occupa-a na cozinha.

A franceza tem juizo e inspiração, a ingleza intelligencia, e a allemã sentimentalismo.

A franceza veste com gosto, a ingleza sem elle, e a allemã com modestia.

A franceza tagarella, a ingleza falla, e a allemã resmungu.

A franceza offerece uma roza, a ingleza uma dhalia, e a allemã um *Wergiss-mien nich* (*myosotis*.)

Vinho e agua.

Um homem casado, que tinha por habito embebedar-se, costumava chorar muito quando se achava embriagado. Perguntando um curioso á mulher a causa d'este phenomeno, ella respondeu :

— E' que quando qualquer homem se acha embriagado, tem lugar no seu corpo um grande combate entre o vinho que absorveu n'aquelle dia, e a agua que bebeu na vespera; e o resultado é sempre a agua fazer a sua retirada!

Que Anura!

Achando-se certo fidalgo n'uma reunião, em que se fallou de cazamentos, elle disse muito senhor de si: — tenho notado que este anno o numero das senhoras que cazam é maior que o dos homens!

Quanto vale um dote!

De uma senhora illustre cazada, e que tinha um grande dote, sendo muito feia, dizia D. Francisco Manuel que a tomaram pelo pezo e não pelo feitio.

Dito satyrico.

Perguntando-se á um discreto a razão porque não cazava, respondeu: — por 4 razões, e vem a ser: — se a mulher é feia aborrece-se, se é formosa guarda-se, se é rica soffre-se, se é pobre sustanta-se.

LOGOGRIPO.

A minha primeira, exprime,
Que não estarei distante.
Não me dobrem por favor,
Que a criança faz constante.

A minha prima e segunda.
Eu não quero assim comprar,
A segunda com a prima
E' das velhas trabalhar.

A terceira, á prima unida
Sendo ao — c — cedilha dada,
Exprime lugar de luta,
Onde é, a luta travada.

A tertia com a segunda,
Se for o — o — transformado,
Pela prima do alphabeto,
Terão-no poeta achado.

A primeira com a quarta,
D'ella gosto roletada;
Ainda mais apetecivel
Sendo em doce transformada.

A quarta com a primeira,
Indica simples pedaco,
Da couza que se partio
Ou qu'isso procurar faço.

A terceira com a quarta,
De mulher o nome indico,
Para claro não tornar-me
Tão sómente nisso fico.

Conceito.

Se em alguma - soledade -
Fôr-me unir, é natural,
Pois que tenho a - soledade -
Como parte essencial.

Abordo, 20 de Fevereiro.

ANDRE.

CHARADA.

Quando instanteo-dezejo,
Que se attenda ao meu pedido
Assim me exprimo, e se negão,
Fico logo confundido. 1

Da mulher, centro mimozo
Que se comprime, e se enfeita,
Sendo linda, delicada,
A vaidade é satisfeita 2

Conceito.

A minha — ella — adorada
Tem esse prosaico nome,
Que importa como se chama,
Se o seu amor me consome?

Rio Grande, 21 de Fevereiro de 1871. **

SEGUNDA

Pertenco ao novo systema,
Franceza medida sou 2
Na India grande palmeira.
Cobrinho as casas estou. 2

Conceito.

Contenho flores,
De flores sou.
Circundo a lua,
No peito estou

Rio Grande, 21 de Fevereiro de 1871:

Explicação das charadas do numero antecedente:

- 1ª. VIOLETA.
- 2ª. LIMO.
- 3ª. DUQUE DE CAXIAS.

ALBUM POETICO**UM SORRISO.**

OFFERECIDO A GENTIL M. . . .

Dá-me Marcia um teu sorriso,
Qual d'anhos do Paraizo,
Um meigo e doce sorriso
Um sorriso puro, ameno,
Que revele-me se eno,
E ditoso o meu porvir.

Um sorrir de Cherubim,
D'esses labios de carmim
Que alento dá a miuh'alma
Um sorrir de extremo gozo,
Arroubado, fulguroso,
Que exprima d'amor a palma.

Nessa boca angelical,
Venha um rizo divinal,
A quem morre a vida dar !
E' crível negar-se um rizo
A quem tem perdido o sizo.
Só por muito idolatrar ?

Um rizo, de amor effluvio,
Do gosto sendo o diluvio
Ah ! dá-me por piedade.
Um rizo é cousa innocente,
Quando dado docemente
Concedido sem maldade.

Não negues gentil donzella,
D'entre as virgens a mais bella,
O rizo que Elmano implora
Um sorriso angelical
Que d'amor seja o signal
Ao triste que amor devora

Rio Grande, 24 de Fevereiro.

M. B. M. G.

RESIGNAÇÃO.

Homem, que és tu, para julgar que podes
Erguer aos céos insultuoso brado ?
Verme no pó gerado.
Em vão dos pulsos os grilhões sacodes !

Deus fez-te assim, e da amargura a taça
Te doou no festim que chamam vida.
A dôr n'ella contida
Serenos esgota, e não blasphememos: passa.

E's feito assim. Por insolucis élos,
Filho da terra, a terra vives preso.
Deus sorri côm desprezo . . .
Quando vê que precuras desprendel-os.

Sofre, pois; blasphemar a ti não cabe.
Da vida o pezo, o tedio, a desventura,
Comtigo á sepultura
Has-de levar; depois... depois... quem sabe ?

Guilherme Braga.

Impresso na typ. do — Recho do Sul.